

Respeito às diferenças

Museu da Tolerância será inaugurado na Universidade de São Paulo até 2015

Cristina Romanelli - 1/6/2012

“Intransigência com relação a opiniões, atitudes, crenças, modo de ser que reprovamos ou julgamos falsos”. Assim é definida a palavra “intolerância” no Dicionário Houaiss. Ao longo da História, não faltam exemplos em que ela possa ser aplicada. É por isso que até 2015 será inaugurado no campus da Universidade de São Paulo (USP) o Museu da Tolerância, criado nos moldes do Museum of Tolerance, em Los Angeles, Estados Unidos. O espaço dará destaque especial à realidade brasileira, incluindo um setor dedicado à Inquisição com todo o acervo de documentos reunido pela historiadora Anita Novinsky, pioneira na pesquisa sobre a perseguição aos cristãos-novos no Brasil e idealizadora do museu.

“Este espaço será o único do gênero na América Latina e talvez no mundo, pois será voltado para todas as raças, todos os povos e todas as crenças. Não há nenhum museu sobre o Tribunal da Inquisição, por exemplo. Só existem algumas exposições na Colômbia e no Peru sobre os instrumentos de tortura. Aqui no Brasil, a Inquisição atuou durante três séculos e influenciou na vida colonial em todos os níveis – econômico, político, social, religioso e cultural. E os descendentes dos judeus convertidos à força em 1497 continuaram a ser perseguidos séculos depois”, conta Anita.

O museu será vinculado ao Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da USP e pretende abordar temas diversos, como a escravidão, o extermínio dos povos indígenas da América, o Holocausto, a Guerra do Vietnã e o ataque às Torres Gêmeas em Nova York. O atentado terrorista nos Estados Unidos em 2001, aliás, foi uma das inspirações de Anita, assim como as três visitas que ela fez ao Museum of Tolerance. “O museu de Los Angeles era o único na época. Foi criado por Simon Wiesenthal, o caçador de nazistas, para que o mundo se lembrasse sempre do extermínio de milhares de inocentes. Lá os visitantes são encaminhados a uma intervenção que os obriga a pensar e a responder a algumas perguntas. Aqui no Brasil, onde menos da metade da população tem o hábito da leitura, também precisamos de um espaço interativo, que transmita conhecimentos e onde cada visitante tenha participação”, afirma a historiadora.

Como forma de educação, esse tipo de museu tem papel importante. No entanto, não significa que ajude a criar novas gerações imunes à discriminação. Esta é a opinião de José Pedro Zúquete, professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e autor de *The Struggle for the World: Liberation Movements for the 21st Century* (2010), com Charles Lindholm. “Meu ceticismo diz que a intolerância sempre existirá. O que tem mudado é o combate cultural e legal. Hoje em dia, qualquer país que se preze tem um verdadeiro arsenal de leis contra a discriminação”, avalia.

Ainda que não eliminem a intolerância, os museus dedicados ao tema podem lembrar alguns episódios da História e contribuir para evitar futuros holocaustos e inquisições. Segundo Anita, este é um dos principais objetivos do espaço em São Paulo. Texto adaptado: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/respeito-as-diferencas>.

Texto adaptado:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/respeito-as-diferencas>

01. Em “O museu de Los Angeles era o único na época. Foi criado por Simon Wiesenthal, o caçador de nazistas, para que o mundo se lembrasse sempre do extermínio de milhares de inocentes...”, as expressões destacadas remetem, respectivamente, a

- (A) o caçador de nazistas, Simon Wiesenthal.
- (B) o museu de Los Angeles, milhares de inocentes.
- (C) o museu de Los Angeles, Simon Wiesenthal.
- (D) o único na época, milhares de inocentes.
- (E) o caçador de nazistas, o museu de Los Angeles.

02. Em “Este espaço será o único do gênero na América Latina e talvez no mundo, pois será voltado para todas as raças, todos os povos e todas as crenças...”,

- (A) na expressão destacada, no lugar do pronome “Este”, deveria estar o pronome “Esse”, pois está retomando o espaço referido no parágrafo anterior e não ao espaço referido na fala de Anita Novinsky.
- (B) a expressão destacada remete, no texto, à América Latina.
- (C) a expressão destacada remete, no texto, ao Museum of Tolerance, que fica nos Estados Unidos.
- (D) a expressão destacada remete ao espaço referido por Anita Novinsky no momento de sua fala. Tudo indica no texto que ela se refere ao Museu de Tolerância que será inaugurado no Brasil.
- (E) a expressão destacada remete a um espaço em que será implantado um templo religioso.

03. “Lá os visitantes são encaminhados a uma intervenção que os obriga a pensar e a responder a algumas perguntas.” No excerto anterior, o “que” destacado retoma o termo antecedente e, portanto, tem a mesma função que o “que” também destacado em:

- (A) “É por isso que até 2015 será inaugurado no campus da Universidade de São Paulo (USP) o Museu da Tolerância...”
- (B) “... assim como as três visitas que ela fez ao Museum of Tolerance.”
- (C) “Foi criado por Simon Wiesenthal, o caçador de nazistas, para que o mundo se lembrasse sempre do extermínio de milhares de inocentes”.
- (D) “No entanto, não significa que ajude a criar novas gerações imunes à discriminação.”
- (E) “Ainda que não eliminem a intolerância, os museus dedicados ao tema podem lembrar alguns episódios da História e contribuir para evitar futuros holocaustos e inquisições. B

04. Em “Como forma de educação, esse tipo de museu tem papel importante. No entanto, não significa que ajude a criar novas gerações imunes à discriminação.”, a expressão em destaque indica relação semântica de

- (A) conclusão.
- (B) contraste.
- (C) alternância.
- (D) explicação.
- (E) causalidade.

5. Eu, também por sinais, achei que tinha razão, e contei-lhe algumas eleições antigas.

Na expressão “contei-lhe”, “lhe” exerce a função de objeto direto.

6. Será que um computador também seria capaz de encontrar o verdadeiro assassino? Durante um curso da Universidade de Essen, os alunos testaram diversos programas concebidos em estudos sobre inteligência artificial (IA). Para isso, utilizaram o caso apresentado em O Mistério do Baú Espanhol, servindo-se da IA para desvendar as estratégias intelectuais do detetive Poirot. A grande questão era se a IA era capaz desse exercício intelectual se apenas fazia uma boa imitação da inteligência humana. Interessava saber se apresentaria características que poderiam ser associadas a um comportamento inteligente. O objetivo era verificar se o software conseguiria descobrir o assassino tão rapidamente quanto Poirot.

No segmento “se a IA era capaz desse exercício intelectual ou se apenas fazia uma imitação da inteligência humana”, as formas verbais poderiam ser corretamente substituídas por seria e faria, respectivamente.

7. A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo. A inserção de administrarem depois de “mesmo” tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

8. Amanhã serão definidos os nomes do presidente da República e dos governadores de alguns estados. A substituição da expressão “serão definidos” por definir-se-ão garante a correção gramatical do período.

Leia o texto e responda ao que se solicita.

Acabamos de comemorar o menor desmatamento da Floresta Amazônica dos últimos três anos: 17 mil quilômetros quadrados. É quase a metade da Holanda. Da área total, **já desmatamos** 16%, o equivalente a duas vezes a Alemanha e três estados de São Paulo. Não há motivo para comemorações. A Amazônia não é o pulmão do mundo, mas presta serviços ambientais importantíssimos ao Brasil e ao Planeta. Essa vastidão verde que se estende por mais de cinco milhões de quilômetros quadrados é um lençol térmico engendrado pela natureza para que os raios solares não atinjam o solo, propiciando a vida da mais exuberante floresta da terra e auxiliando na regulação da temperatura do Planeta.

Depois de tombada na sua pujança, estuprada por madeireiros sem escrúpulos, **ateiam fogo às suas vestes de esmeralda** abrindo passagem aos **forasteiros** que a humilham ao semear capim e soja nas cinzas de castanheiras centenárias. Apesar do extraordinário esforço de **implantarmos** unidades de conservação como alternativas de desenvolvimento sustentável, a devastação continua. Mesmo depois do sangue de Chico Mendes ter selado o pacto de harmonia homem/natureza, entre seringueiros e indígenas, mesmo depois da aliança dos povos da floresta “pelo direito de manter nossas florestas em pé, porque delas dependemos para viver”, mesmo depois de inúmeras sagas cheias de heroísmo, morte e paixão pela Amazônia, a devastação continua.

Como no passado, **enxergamos** a Floresta como um obstáculo ao progresso, como área a ser vencida e conquistada. Um imenso estoque de terras a se tornarem pastos pouco produtivos, campos de soja e espécies vegetais para combustíveis alternativos ou então uma fonte inesgotável de madeira, peixe, ouro, minerais e energia elétrica. **Continuamos um povo irresponsável.** O desmatamento e o incêndio são o símbolo da **nossa** incapacidade de compreender a delicadeza e a instabilidade do ecossistema amazônico e como tratá-lo.

Um país que tem 165.000 km² de área desflorestada, abandonada ou semiabandonada, pode dobrar a sua produção de grãos sem a necessidade de derrubar uma única árvore. É urgente que **nos tornemos responsáveis pelo gerenciamento do que resta dos nossos valiosos recursos naturais.**

Portanto, **a nosso ver**, como único procedimento cabível para desacelerar os efeitos quase irreversíveis da devastação, segundo o que determina o § 4º, do Artigo 225 da Constituição Federal, onde se lê:

“A Floresta Amazônica é patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais”.

Assim, **deve-se implementar** em níveis Federal, Estadual e Municipal A INTERRUPÇÃO IMEDIATA DO DESMATAMENTO DA FLORESTA AMAZÔNICA. JÁ!

É hora de **enxergarmos** nossas árvores como monumentos de nossa cultura e história.

SOMOS UM POVO DA FLORESTA!

9. O enunciador argumentativo de “Acabamos de comemorar o menor desmatamento da Floresta Amazônica dos últimos três anos” é o mesmo de:

- a) (...) a nosso ver, como único procedimento cabível para desacelerar os efeitos quase irreversíveis da devastação (...)
- b) Continuamos um povo irresponsável (...)
- c) Somos um povo da floresta!
- d) (...) deve-se implementar em níveis Federal, Estadual e Municipal a interrupção imediata do desmatamento da Floresta Amazônica (...)

10. São características primordiais desse gênero textual:

- a) Estrutura completamente livre, organizada em introdução, desenvolvimento e conclusão.
- b) Emprego de variantes quaisquer da língua, considerando o seu objetivo de estabelecer a comunicação não apenas com a população, mas também com órgãos oficiais.
- c) Utilização exclusiva pela internet (redes sociais, por exemplo).
- d) Coexistência de características dissertativas, argumentativas e persuasivas.

O socorro

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão - coveiro - era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que **cavara** demais. Tentou sair da cova e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que sozinho não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado. A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouviu um som humano, embora o cemitério estivesse cheio de pipilos e coxares naturais dos matos. Só pouco depois da meia-noite é que vieram uns passos. Deitado no fundo da cova o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: O que é que há?

O coveiro então gritou, desesperado: Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível! Mas, coitado! - condoeu-se o bêbado - Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de cima de você, meu pobre mortinho! E, pegando a pá, encheu-a e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

Moral: Nos momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela.

Millôr Fernandes

11. O fecho dessa narrativa é parte muito frequente de um gênero textual caracterizado por:

- a) Existência de personagens, ocorrência em tempo e espaço reduzidos e ensinamento moral implícito ou explícito, levando o leitor a uma reflexão.
- b) Data, corpo do texto, despedida, linguagem formal ou informal.
- c) Pluralidade temática, sucessividade, longa extensão, predileção pelo conflito, tempo histórico.
- d) Ficção, estrutura fechada, personagens humanos, assinatura.

12. Como na moral dessa narrativa, “Nos momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela”, o verbo “apelar” permite outros empregos. Identifique a opção em que a regência desse verbo está equivocada.

- a) Apelou, aflitivamente, a quem passava, mas ninguém quis saber.
- b) Logo no dia seguinte, apelou da decisão do tribunal.
- c) O procurador ligou, apelando pelo caso do pai.
- d) O padre apelou os crentes para se manterem fiéis à doutrina.

